

1 INTRODUÇÃO

Todos os meus *textos* são inacabados. Mas me consola dizer que, assim como indica Jacques Derrida, é próprio de todo texto o seu inacabamento, portanto, não somente “os meus” ou “os de alguém”, mas todo texto é esburacado, precário de si mesmo, precário de um em si, logo aniquilador de qualquer noção de propriedade. Todo texto, talvez, a ninguém pertence, e a certeza sobre um texto é que ele é um envio ao outro – a qualquer outro. Porém, me interessa agora, nesse momento e de início, num mesmo tempo em que escrevo e sou lido, mais uma vez afirmar o inacabamento incondicional dos textos.

Em meus im-próprios textos sobre a desconstrução, sempre me pego nesse mesmo problema da apresentação da primeira linha e seu espaçamento, e acabo quase que repetindo a mesma estratégia de denunciar a precariedade da minha escrita para iniciar e acabar todo texto. Entretanto, nesse aqui, em particular, essa precariedade, esse vestígio presente de algo que falta no texto, é ao mesmo tempo o que escapa e que se persegue como *leitmotiv* dessa escrita. Quero falar justamente da necessidade desse escape, de um fora de si de todo texto.

Por levar em consideração essa incondicional impropriedade (não somente) do *meu* texto, inicio essa dissertação pedindo perdão por certa despreocupação de apresentar um “conceito”, de recortar e encerrar um problema dentro da vasta obra de Jacques Derrida. É certo que quase todas as dissertações de mestrado têm que passar por esse desejo de unidade, em que um mesmo tomo reúna em si partes em torno de um mesmo tema, para verificar uma hipótese já sabida desde o começo, mas manhosamente adiada pelo seu autor. É certo também que essa forma de escritura só é possível desde que se tenha garantido a um texto a possibilidade de carregar em si um problema, afirmar em si um sentido. Por essa esteira, como apresentar uma dissertação que parte desde o início de um pensamento sobre um fora de si, sobre a exterioridade do texto, sobre o problema de se ter um problema localizado em um em si do texto que se apresenta

quase como um nome próprio? Como lidar com esse problema que escapa à impropriedade do que aqui se toma como força: o pensamento fora de si?

Essa breve circunlocução que acabo de fazer da necessidade da presença de um problema num texto que quer não ter *um* problema me parece denunciar o pensamento da desconstrução em Jacques Derrida, do qual irei tratar mais adiante. Quero procrastinar a chegada do problema na tentativa de buscar uma escrita *sobre a borda* – e esse *sobre* está mais próximo do sentido de inscrever sobre a pele, impregnar-se dela, que de estabelecer um “a respeito de”¹. Tal operação é o que Derrida chama de “pensamento-que-nada-quer-dizer”, que está longe de ser uma fuga sobre a responsabilidade de se tratar de questões importantes à tradição, ou mais especificamente, importantes a uma certa economia filosófica. Essa referência sobre a borda do texto quer, na verdade, provocar um estado de crise sobre a própria presença/ausência do tal problema, que, como alerta Derrida, é um exercício nada tranquilizante:

Enredar-se em centenas de páginas de uma escrita ao mesmo tempo insistente e elíptica, imprimindo [...] até suas rasuras, arrastando cada conceito em uma cadeia interminável de diferenças, cercando-se ou sobrecarregando-se com uma grande quantidade de precauções, de referências, de notas, de citações, de colagens, de suplementos – esse ‘nada-querer-dizer’, não é [...] um exercício tranquilizante (DERRIDA, 2001b, p. 21).

Destarte, sem querer fugir a condição primeira para que se faça aqui uma dissertação de mestrado em Filosofia, importa apontar, desde já, que o interesse dessa escrita está menos relacionado à eleição de problemas e mais relacionado aos processos de entre-textos que atravessam o pensamento desconstrutivo. Ou melhor, é de interesse aqui abrir uma brecha no pensamento derridiano para abordar sobre os processos de entre-textos que o atravessam, não constituindo em si um problema ou uma questão para a tradição filosófica, mas o seu *leitmotiv*, a sua marcha, que em Derrida aparece sob a rubrica da *tradução*, e que aqui poderia ser uma primeira pista introdutória dessa dissertação.

Poder-se-ia dizer que finalmente está sendo apresentado um problema em si. Porém, faz-se necessário advertir: o que se propõe tratar, neste texto, por “tradução” não tange necessariamente ao que correntemente se estuda sobre esse tema, mais diretamente, da tradução como tema, uma teoria da tradução, que aqui,

¹ Falarei desse duplo e não-dialético gesto do “sobre” mais adiante.

especificamente, poderia ser interpretada como uma teoria desconstrutiva da tradução.

Primeiro, porque os próprios textos de Derrida que tratam da tradução evitam qualquer tentativa de criar uma teoria da tradução. Em *Torres de Babel* (2006), no qual a questão da tradução é anunciada desde o título, e cujo ensaio se inicia a partir de um modelo ao mesmo tempo “arquetípico” e “alegórico” (o mito babélico, que poderia introduzir qualquer outro texto em que se pretenda criar uma teoria da tradução), por exemplo, Derrida adverte: “(...) nenhuma teorização, desde o momento que ela se produz em uma língua, poderá dominar a *performance* babélica. É uma das razões pelas quais prefiro aqui, em lugar de discutir sobre o modo teórico, tentar traduzir à minha maneira a tradução de um outro texto sobre tradução” (DERRIDA, 2006, p. 26, grifo meu).

Nessa passagem, Derrida já deixa claro a impossibilidade de se produzir uma teoria sobre a *performance babélica* – sim, ele usa o termo *performance*, o que logo aponta para uma preocupação de se discutir a tradução em ato, ou seja, tratar da tradução traduzindo, colocando-a em cena –, pois em sua própria *gênese*, a torre babélica está fadada a uma arquitetônica confusa, demarcada ao mesmo tempo pela irredutibilidade – a *inacababilidade* de sua construção – e pela multiplicidade de idiomas e diferenças, rastros que a tornam impossível de ser tratada como objeto. Sob uma perspectiva desconstrutiva, se é que tal coisa existe, tradução não é um objeto de estudo.

Rastros da tradução aparecem em diversos outros momentos do pensamento derridiano, como em *Elouquecer o Subjétil* (1998), *O Monolinguismo do Outro: ou Prótese de Origem* (2001), *Vadios* (2011), *A Escritura e A Diferença* (2009), *Cartão Postal* (2007) – para citar alguns poucos –, sendo, em cada um, tratada distintamente, ratificando a irredutibilidade tão cara à desconstrução. Contudo, identifico entre os textos certa recorrência da tradução como dispositivo de atravessamento *entre-textos*, que põe em cena o movimento da tradição, desde sempre atravessada, desde sempre “prótese da origem”. A tradução em Derrida é a *performance* do texto, a textualidade em ato: enredamento de páginas e páginas, atravessamento de sentido a sentido, passagem

de rastro a rastro, de outro ao outro. A tradução não é objeto da desconstrução, mas é o seu exercício enquanto *entre-texto* lançado ao outro².

Mais uma vez, faz-se necessário uma interrupção, para esclarecer que a noção de tradução entre textos aqui pensada é tributária ao pensamento de Derrida sobre o *texto*:

Gostaria de recordar que o conceito de texto que eu proponho não se limita nem à grafia, nem ao livro, nem mesmo ao discurso, menos ainda à esfera semântica, representativa, simbólica, ideal ou ideológica. O que chamo de “texto” implica todas estruturas ditas “reais”, “econômicas”, “históricas”, socioinstitucionais, em suma, todos os referenciais possíveis. (...) isso quer dizer que todo referencial, toda realidade tem a estrutura de um traço diferencial e só nos podemos reportar a esse real numa experiência interpretativa. Esta só se dá ou só assume sentido num movimento de retorno no diferencial. *That's all* (DERRIDA, 1991, p. 203).

Essa noção de texto abre uma brecha para pensarmos que tradução não se restringe aos processos de passagem entre idiomas nos textos alfabéticos (como os textos de livros, textos entre autores filosóficos, por exemplo), mas compreende também a tradução como todo mecanismo de agenciamento do *outro*, de passagem ao sentido entre rastros, entre traços diferenciais³.

Para entender melhor essa noção, é importante lembrar que o sentido de *rastro* em Derrida aparece como um pensamento limite sobre a metafísica da presença. Em *Gramatologia* (1973), Derrida desconstrói essa questão problematizando a noção de signo, a partir da impossibilidade de um referente encerrar a dinâmica da produção de sentido. Essa preocupação pode ser ampliada para além da impossibilidade de uma teoria semiótica para se pensar sobre toda a teleologia da unidade da metafísica que toma outras formas fixas do entre ser e ente, sujeito e objeto, presença e ausência. O *pensamento do rastro* coloca todo referente sob rasura advertindo que qualquer “referir-se-á” se dá a partir de marcas deixadas por sua transitoriedade que já não são o fenômeno em si e não habitam lugar algum.

A força do rastro opera no “pensamento-que-nada-quer-dizer” (DERRIDA, 2001), opera na irreduzibilidade permanente da crise gerada no

² O sentido de *outro* aqui empregado não diz respeito somente ao próximo, o “outrem”, mas sim a todo processo que sempre escapa, nunca chega e que demarca a impossibilidade de retorno a si mesmo, a um *autos*. Tratarei melhor sobre essa questão mais adiante.

³ Quando me referir a *texto*, bem como a tradução entre textos, estarei sempre lidando com essa noção.

encontro incondicional com o outro, nos trânsitos ao outro que nunca se encerram. Essa noção justifica o motivo pelo meu interesse pela tradução, que se mistura ao meu próprio processo dentro/fora da Filosofia.

Peço licença mais uma vez para fazer mais um desvio necessário a essa dissertação. Necessidade que pode parecer externa a esse processo de escrita, mas que, para mim, é mais um suplemento necessário a ela mesma. É preciso dizer que meu interesse em falar de um tema filosófico que talvez não seja tão filosófico, é parte do meu trajeto nos estudos em Filosofia. Antes de ser um estudante, pesquisador no campo da Filosofia, devo dizer que sou artista da Dança *de formação*, à qual reservo certa paixão, numa insistência no que à ela se relaciona, bem como no que se refere a tudo o mais com que me dedico. Licenciado em Dança e Mestre em Artes Cênicas⁴, ambos pela Universidade Federal da Bahia, desde 2012, sou Professor do Departamento de Arte Corporal da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁵.

Foi nesse campo legítimo de formação *fora* da Filosofia que adentrei nos meus estudos sobre desconstrução. Mais que isso, esse *fora* sempre encontrou respaldo no pensamento da desconstrução, sendo muitas vezes *leitmotiv* de trabalhos artísticos e acadêmicos meus, o que foi constituindo um importante laboratório de tradução entre o pensamento da desconstrução e processos de dança.

Sim! O exercício de meus trabalhos artísticos, essa figuração que aqui se coloca como *fora*, sempre esteve atravessado pela Filosofia enquanto laboratório de tradução.

⁴ Mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA (PPGAC-UFBA), sob a orientação da Profa. Dra. Lúcia Lobato, com a dissertação intitulada “O Grupo CoMteMpu’s e a Dança Frouxa: (re)olhares sobre o pensar-fazer desconstrutivo em Dança”, na qual discuti relações entre o pensamento da desconstrução e os processos desenvolvidos no Grupo CoMteMpu’s – Linguagens do Corpo. O CoMteMpu’s é um grupo de pesquisa e criação em Dança, Performance, Intervenção, Vídeos e Artes do Corpo, fundado por mim e outros artistas em 2005, na cidade de Salvador – Bahia, onde, desde então, sou cocriador e diretor, tendo já participado de projetos de pesquisa, criação, intercâmbio, formação e difusão em cidades do Brasil e da Colômbia. v. ANDRADE, 2010.

⁵ É preciso dizer que mesmo sendo esse artista de formação, esse acolhimento nunca me furtou da possibilidade de ser estrangeiro a ela – essa coisa que se nomeia Dança. Ser artista da Dança, poder dizer-me enquanto tal, nunca me foi autorizado pelo fato de possuir um título de formação na área. O meu tal poder-dizer na Dança é também laboriosamente construído às margens da Dança, por vezes sendo interditado por sua economia, estrangeiro a sua casa e tradição. Portanto, quando faço aqui essa ressalva de ser artista da dança, mesmo que de formação, ainda não me autorizo sobre ela e nem mesmo me condiciono a sua captura. A tensão de poder dizer eu está para além de suas margens. Sobre tal escape à reconciliação na Dança, trabalhei melhor em minha dissertação de mestrado em Artes Cênicas (cf. ANDRADE, 2010).

É claro que essa noção de tradução não esteve claramente demarcada desde sempre, sendo tratada muitas vezes com certo tom de displicência necessário a qualquer processo de criação artística. Não obstante, é também notável que com exercício *de fora* fui construindo margens na Filosofia, a partir de pistas e rastros da desconstrução de Jacques Derrida.

Com a aceitação da minha pesquisa no curso de Mestrado em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pesquisa essa que se encerra com a defesa dessa presente dissertação, sob a orientação do Professor-Doutor Paulo Cesar Duque Estrada, os atravessamentos entre meus processos artísticos e a Filosofia, bem como os apelos às escrituras de Derrida, ficaram ainda mais evidentes. Parte dessa evidência se dá tanto por minha incompetência de encerrar as questões em somente um dos campos – ou na Filosofia ou na Dança – quanto pela incondicionalidade da desconstrução enquanto tradução, supramencionada.

– *Sim, sim! A performance* da desconstrução se dá no atravessamento, na tradução entre autores, entre problemas, na borda do texto entre texto.

Assim, apresento essa dissertação dividida em três partes, ao mesmo tempo independentes e inter-relacionadas. Nelas, entrecruzo traduções minhas sobre as questões levantadas por Jacques Derrida, que se anunciam assumidamente contaminadas por um *outro*, pela fantasmática língua do outro. Essas partes não são encadeadas evolutivamente e podem ser lidas fora da cronologia sugerida pela organização desse tomo, a saber: *Parte 1, Tradução da tradução* – na qual traduzo a tradução como uma necessidade incondicional do outro em todo texto e como *leitmotiv* da passagem entre-textos da desconstrução; *Parte 2, Da subjetividade fora de si* – em que discuto travessias/atravessamentos entre Derrida e Artaud sobre a cena do *subjétil* para pensar a força do *fora de si* e a noção de traição como *outra ética/ outra* responsabilidade; *Parte 3, Traição para além ou o porquê não posso parar de dançar?* – em que ensaio traduções do pensamento derridiano em questões relativas a processos de alteridade em Dança. Finalizo com as considerações finais e referências.